

Interpretação de textos literários a partir de análises isoladas

Roberto Remígio Florêncio¹ - IF

Resumo: Práticas de interpretação textual desenvolvidas pelos professores de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em escolas de Ensino Médio de Petrolina-PE. Projeto de pesquisa inicialmente idealizado com objetivo de conhecer e analisar as práticas de leitura, visa oferecer material de pesquisa aos professores locais. Como resultado inicial, surgiu um acervo de informações atualizadas acerca das práticas de interpretação textual nas aulas de LP. Percebeu-se a necessidade de aprofundamento dos estudos específicos sobre os diversos tipos de análise, aqui denominadas Análises Isoladas (Estética, Estilística, Semântica e Pragmática). Os aportes teóricos foram baseados nos estudos sobre gêneros textuais, tipologia, figuras de linguagem e contextualização. A proposta final tomou ares de capacitação dos professores formados em Letras na construção/desenvolvimento e teorização de mecanismos de compreensão dos diversos gêneros textuais literários. O manuscrito apresenta interpretações e sinaliza para que o estudo desses aspectos isolados sirva exclusivamente para o aprofundamento teórico dos professores.

Palavras-chave: Análise Estética; Estilística; Semântica; Pragmática.

Interpretation of texts by isolated analyzes

Abstract: Interpretation practices developed by teachers of Portuguese Language and Brazilian Literature in high school, Petrolina-PE. The research project was initially conceived with the objective of knowing and analyzing reading practices, besides offering research material to local teachers. As an initial result, there was a wealth of up-to-date information about textual interpretation practices in LP classes. It was realized the need to deepen the specific studies on the various types of analysis, here called Isolated Analyzes (Aesthetics, Stylistics, Semantics and Pragmatics). The theoretical contributions were based on the studies of textual genres, Typological Modalities, context and figures of language. The final proposal took the form of training of teachers trained in Letters in the construction / development and theorization of mechanisms of comprehension of the various literary textual genres. The manuscript presents interpretations and signals that the study of these isolated aspects is exclusively for the theoretical deepening of the teachers.

Keywords: Aesthetic Analysis; Stylistics; Semantics; Pragmatic.

¹ Professor de Língua Portuguesa (IF Sertão Pernambucano); Graduado em Letras (UPE); Mestrado em Educação e Cultura (UNEB) e Doutorado em Educação UFBA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2827979747157274>

Introdução

Muito comum em concursos, inclusive na quase totalidade das questões do ENEM, a interpretação de textos passou a ser foco dos estudos de cursos de graduação, pós-graduação e cursinhos preparatórios para fins determinados. No entanto, a formação de professores para atuar nessa área especificamente não ocorreu com a mesma velocidade nem (des)empenho. O que é detectado nos cursos de formação de professores está bem distante da realidade de compreensão textual e da necessidade efetiva para a formação de estudantes com competência leitora. O mercado contemporâneo necessita de professores formados em Letras ou Especialistas não apenas com um domínio exemplar das regras da Gramática Normativa, mas também com embasamento teórico e prático para sustentar interessantes posicionamentos sobre os estudos de Linguística, Estética, Estilística e Pragmática, e, assim, operacionalizar interpretações, pressuposições, deduções e premissas de textos através da compreensão do que está escrito e do que está omitido pela capacidade intertextual dos autores e dos contextos.

Muitos professores de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, formados em Letras, muitas vezes, especialistas em Língua Portuguesa e Literatura queixam-se da falta de qualidade em suas formações/capacitações no que concerne às atividades de interpretação textual. Detecta-se uma grande desatualização quando não desinformação acerca das análises linguísticas, especialmente, de gêneros textuais literários.

O problema mais comumente apresentado pelos professores está na dificuldade de interpretar um texto com propriedade teórica e profundidade analítica, levando em consideração a flexibilidade de informações da linguagem literária. Buscou-se pontuar que nenhum texto será efetiva e definitivamente interpretado; sempre haverá algo a dizer, pois os textos são caminhos abertos, mas não rotas traçadas. É preciso estar atento ao que o texto nos apresenta em toda a sua formação comunicativa e para isso, um bom exercício pode ser tentar responder a uma série de perguntas suscitadas pelo poder comunicativo dos textos: quem é o autor?, quando foi escrito?, quais as intenções?, quem é o público mais diretivo?, que linguagem foi utilizada?, por que foi utilizado este canal ou suporte?, o que a construção morfosintática pode ter influenciado na realização final do texto?, com que(quais) outro(s) texto(s) dialoga?, qual a influência do contexto histórico ou do período literário para a formatação do texto?, há algo

contextual que justifica a referida produção textual?, que sentidos podem trazer suas palavras e expressões?, qual a mensagem?

Pensando assim, foi produzido um estudo baseado em observação inicial, leitura e debate sobre os textos e, posteriormente, avaliações hipotéticas, desenvolvidas pelos e para os estudantes/professores envolvidos no projeto de pesquisa, com a finalidade de exercer a prática de análises e desenvolver teorias para a compreensão dos textos, ainda que de forma isolada, *exclusivamente* para fins didático-formativos.

Como resultado inicial, surgiu um rico acervo de informações relevantes e atualizadas acerca dessas práticas utilizadas nas aulas de LP. No entanto, percebeu-se a necessidade de aprofundamento dos estudos específicos sobre os diversos tipos de análise, aqui denominadas Análises Isoladas, exemplificadas pela Estética, Estilística, Semântica e Pragmática. Os aportes teóricos foram baseados nos estudos de gêneros textuais, de Marchuschi e Koch; Modalidades Tipológicas, de Travaglia; e de contexto, de Kleiman e Orlandi. A proposta final tomou ares de capacitação dos professores formados em Letras na construção/desenvolvimento e teorização de mecanismos de compreensão dos diversos gêneros textuais literários, cada dia mais complexos e interdisciplinares. Por fim, o manuscrito apresenta interpretações e sinaliza para que o estudo desses aspectos isolados sirva exclusivamente para o aprofundamento teórico dos professores. Conclui-se que o texto literário, assim como outros textos, deve ser compreendido em sua contextualização e intertextualidade, jamais isoladamente, diferentemente dos estudos a eles empregados, que pode ser feito isoladamente a partir dos diferentes referenciais teóricos.

1 Contexto e metodologia

O presente manuscrito apresenta resultados de estudos desenvolvidos nas turmas de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, oferecidos por uma IES privada, em Petrolina-PE, durante o período de junho/2019 a junho/2020. A referida instituição atende profissionais em busca de formação, em nível de Especialização, com abrangência em toda região do Vale do São Francisco e sertão pernambucano, através de polos de educação semipresencial. A metodologia utilizada para a pesquisa foi a observação participante e os métodos de interpretação dos dados foram baseados na Análise do Discurso. Os resultados iniciais apontaram uma grande deficiência teórica,

por isso, foram desenvolvidos cursos e oficinas sobre análise e interpretação durante os estudos, envolvendo os pesquisadores e interessados, utilizando os alunos matriculados no curso de Pós-graduação Lato-sensu e exercendo o magistério em escolas públicas na área de Letras, como critério de inclusão dos participantes da pesquisa. E, para fins de resultados, aparece um estudo teórico-prático das questões que envolvem análises linguísticas e interpretações de textos literários, aqui apresentado como *Interpretação de Textos a partir de Análises Isoladas*. As formas de análise são apresentadas isoladamente apenas para didatização dos estudos a serem desenvolvidos pelos profissionais da área.

2 Desenvolvimento de práticas de interpretação de textos

Desde poemas clássicos dos cânones da Literatura Brasileira a letras de música da MPB, é comum ver alguma música, poema ou conto da literatura contemporânea brasileira sendo “explorado” em exercícios de análise linguístico-literária no ensino médio e fundamental, mesmo que de forma direcionada para um determinado estudo gramatical ou informativo. As mensagens e as análises, em geral, são parciais e objetivas. Alguns temas tornam-se recorrentes: questões sociais, acontecimentos notórios ou inusitados, discussões éticas, etc. Nas obras mais líricas, veem-se nuances de assuntos como medo, solidão, angústia ou revolta. E, assim, não deixam de fazer parte de um consciente coletivo que vai tecendo a teia que pode ser definida como a cultura popular brasileira contemporânea. Uma das temáticas mais abordadas está relacionada ao amor, principalmente quando envolve início ou fim de relacionamentos, paixões avassaladoras, amores não correspondidos ou retornos conjugais. As questões sociais são temas marcantes na MPB engajada, principalmente no período da Ditadura Militar. Aqui, listaremos algumas interpretações de poemas e letras de música, desenvolvidas em oficinas de produção, pelos estudantes/professores envolvidos no projeto de pesquisa. Os nomes dos autores serão preservados.

Análise contextual da música “Epitáfio” – Titãs (composição de Sérgio Brito)

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais e até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado as pessoas como elas
são
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no
coração*

*O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...*

*Devia ter complicado menos, trabalhado
menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos com
problemas pequenos
Ter morrido de amor
Queria ter aceitado a vida como ela é
A cada um cabe alegrias e a tristeza que
vier*

*Devia ter complicado menos, trabalhado
menos
Ter visto o sol se pôr.*

À primeira leitura do texto, fica claro que o eu lírico arrepende-se da vida que levou ao cravar em seu “epitáfio” (mensagem escrita em lápides e túmulos para homenagear o morto) que deveria ter se entregado mais aos prazeres da vida, sem receio dos resultados. Dá para perceber o quanto ele está arrependido das coisas que devia ter feito: “Devia ter amado mais...”. Aqui, os estudantes/professores encontram uma intertextualidade com a poética de Cecília Meireles, principalmente em relação à efemeridade da vida. É notório que as questões de interpretação dos textos ainda se concentram bastante nas questões gramaticais, como na análise:

É possível analisar as questões gramaticais de formação do sentido do texto: as reticências no final do refrão evidenciam o quanto ele irá andar distraído; o verbo pôr no final do texto é uma exceção nas regras de acentuação da língua portuguesa; questões de concordância e a ordem inversa de algumas orações podem ser trabalhadas em sala de aula. Exemplo: A cada um cabe alegrias e a tristeza que vier (Estudante/professor, em resposta à avaliação).

Analisando o contexto, podemos dizer que a música de Sergio Britto, composta em 2008, é bastante atual e subjetiva. É visível, em quase todos os versos da canção, que o autor escreveu essa letra vivenciando o atual sistema capitalista, onde o dinheiro é visto como um dos bens mais preciosos, e agora, depois de morto, estaria arrependido e analisando os erros cometidos, as alegrias não vividas. Como sugere a análise abaixo:

Hoje, percebemos o quanto trabalhamos muito, complicamos muito, damos muito importância aos bens materiais. Agora, arrependido, ele fala que devia ter se importando menos, com problemas pequenos.

Assim, como há uma intertextualidade com a obra de Cecília Meireles, os estudantes/professores também perceberam ligações com um texto específico: Com uma linguagem simples, o autor possibilita várias interpretações, mas evidencia o arrependimento, em uma releitura do texto “80 anos”, do argentino Jorge Luiz Borges.

Análise linguístico-literária da música “Cidadão” – Zé Ramalho (Composição de Lúcio Barbosa)

*Tá vendo aquele edifício, moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição, era quatro
condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me vem um cidadão
E me diz desconfiado:
“Tu tá aí admirado ou tá querendo
roubar?”*

*Meu domingo tá perdido, vou pra casa
entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio que eu
ajudei a fazer
Tá vendo aquele colégio moço
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Fiz a massa, pus cimento, ajudei a rebocar
Minha filha inocente vem pra mim toda
contente
“Pai vou me matricular”
Mas me vem um cidadão:*

*“Criança de pé no chão aqui não pode
estudar”*

*Essa dor doeu mais forte
Por que é que eu deixei o norte
Eu me pus a me dizer.
Lá a seca castigava, mas o pouco que eu
plantava
Tinha direito a comer.*

*Tá vendo aquela igreja moço, onde o padre
diz amém
Pus o sino e o badalo, enchi minha mão de
calo
Lá eu trabalhei também
Lá foi que valeu a pena, tem quermesse,
tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que Cristo me disse:
“Rapaz deixe de tolice, não se deixe
amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra, não deixei nada
faltar
Hoje o homem criou asas e na maioria das
casas
Eu também não posso entrar”.*

A música “Cidadão”, de Lúcio Barbosa, fez sucesso na voz de Zé Ramalho (na década de 2000), mas é o carro-chefe da obra musical do cantor Zé Geraldo. A letra apresenta uma linguagem simples, de fácil compreensão e tem como principal temática a saga de um eu-lírico que trabalha como pedreiro, mas em razão da sua condição humilde, não pode frequentar (quase) nenhuma das obras por ele construídas. Além disso, aborda alguns temas importantes, como a migração do nordestino que foge da seca e da vida dura do sertão, acreditando que na cidade terá uma vida melhor. Porém após chegar naquele “mundo novo” percebe que a vida não será muito diferente, porque

ele se depara com as mesmas injustiças sociais: a discriminação e a exclusão. Ao final, na letra da canção, a religião, aqui representada pela igreja católica, aparece de forma redentora, destituída de preconceitos e de maneira acolhedora, com igualdade entre todos.

A referida música foi composta na década de 1970, pelo poeta baiano Lúcio Barbosa, em homenagem ao seu tio Ulisses. Zé Geraldo, no ano de 1978, saiu-se vitorioso do Festival de Ilha Solteira com a canção "Promessas de um idiota às seis da manhã", onde conheceu o compositor Lúcio Barbosa, segundo colocado. Barbosa lhe mostrou a música "Cidadão" e Geraldo então pediu para gravar: com esta canção, Zé Geraldo é reconhecido nacionalmente até os dias de hoje.

Segundo os alunos/professores, o título "Cidadão" foi colocado de forma proposital para denunciar a desigualdade social em que mostra a "classe oprimida" e o seu distanciamento para com os indivíduos privilegiados. A letra da música traz à tona a vida injusta dos pobres e uma crítica às elites. Além disso, retrata a falta de acesso à escola para os pobres, comprovada no verso "Criança de pé no chão aqui não pode estudar".

Em outros versos mostra a extensa jornada de trabalho do pedreiro: "Tá vendo aquele colégio moço, eu também trabalhei lá. Lá eu quase me arrebento, fiz a massa, pus cimento, ajudei a rebocar". A letra da música também trata da temática da fé, pois já no final do texto, quando o pedreiro afirma que só tem direito a entrar na igreja, ele destaca que até Cristo que criou o mundo diz "que o homem criou asas e na maioria das casas também não pode entrar" (compilação de algumas respostas dos estudantes/professores nas avaliações de análise).

Análise semântica da música "Eu Era um Lobisomem Juvenil" – Legião Urbana (Composição de Renato Russo)

*Luz e sentido e palavra,
Palavra é que o coração não pensa
Ontem faltou água, anteontem faltou luz
Teve torcida gritando quando a luz voltou
Não falo como você fala, mas vejo bem o
que você me diz*

*Se o mundo é mesmo parecido com o que
vejo
Prefiro acreditar no mundo do meu jeito
E você estava esperando voar
Mas como chegar até as nuvens com os pés
no chão*

*O que sinto muitas vezes faz sentido e
outras vezes
Não descubro um motivo que me explique
porque é
Que não consigo ver sentido no que sinto,
que procuro
O que desejo e o que faz parte do meu
mundo
O arco-íris tem sete cores e fui juiz
supremo
Vai, vem embora, volta
Todos têm, todos têm suas próprias razões*

| | |
|--|---|
| <i>Qual foi a semente que você plantou? Tudo acontece ao mesmo tempo Nem eu mesmo sei direito o que está acontecendo E daí, de hoje em diante Todo dia vai ser o dia mais importante</i> | <i>Me fez rir e pensar porque estou tão preocupado Por estar tão preocupado assim Mesmo se eu cantasse todas as canções Todas as canções, todas as canções Todas as canções do mundo Sou bicho do mato Mas se você quiser alguém, prá ser só seu É só não se esquecer eu estarei aqui Ou então não terás jamais a chave do meu coração</i> |
|--|---|

A música *Eu Era Um Lobisomem Juvenil* faz parte do disco “As quatro Estações” da banda de rock Legião Urbana. Essa canção traz para o público o reflexo do tímido eu-lírico: possivelmente fazendo referência ao adolescente, perdido em dúvidas, confusões e medo; aquele ser “diferente” que talvez tivesse duas faces, assim como um lobisomem. Provavelmente autobiográfico.

Na 1ª estrofe, o eu-lírico já expõe os seus sentimentos (“Luz e sentido e palavra, palavra, é que o coração não pensa”) e faz críticas (“Ontem faltou água, Anteontem faltou luz/Teve torcida gritando quando a luz voltou”), fazendo com que o público-alvo rapidamente se identifique por sentir as mesmas emoções e ter vivido as mesmas experiências. Em “Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo, prefiro acreditar no mundo do meu jeito”, interpretamos que o mundo que existe não é na realidade o que gostaríamos, então é melhor acreditar em um mundo de sonhos e imaginação, isso fica explícito quando ele conclui “E você estava esperando voar, mas como chegar até as nuvens com os pés no chão”. Não podemos viver nos sonhos, se estamos presos ao chão, à realidade.

Ainda com dificuldades para inserir-se “nesse mundo”, e todos os conflitos existentes por conta dessas: “O que sinto muitas vezes, faz sentido e outras vezes, não descubro um motivo, que me explique porque é que não consigo ver sentido, no que sinto, que procuro, o que desejo e o que faz parte do meu mundo”. Aqui, o autor conquista toda a identificação possível entre os jovens, público importante no contexto do rock.

Quando pergunta: “Qual foi a semente que você plantou?” e afirma que: “Tudo acontece ao mesmo tempo, nem eu mesmo sei direito, o que está acontecendo” e chega a conclusão: “E daí, de hoje em diante, todo dia vai ser o dia mais importante”, temos

uma reflexão: Muitas vezes não compreendemos o porquê de estarmos enfrentando determinadas situações, porém tudo é resultado do que plantamos, e independentemente da semente brotar (bom fruto, ou não), a partir daí todos os dias vão ser os dias mais importantes, seria o mesmo que “viver um dia de cada vez”, então “Carpe Diem”.

Ao longo da canção fala-se em atos precipitados e conclusões, já que não se diz nada, enquanto a confusão não passar, por exemplo: “Não digo nada, espero o vendaval passar, por enquanto eu não sei o que você me falou, me fez rir e pensar, porque estou tão preocupado.” E, na 8ª estrofe, o eu lírico chega à conclusão de que por mais que tente, deixará de ser um “bicho do mato”, que parece, aliás, ser a única ligação lógica com o título da música, e continuará sendo um lobisomem juvenil, que é uma lenda viva, com suas diversas faces, em corpo de jovem.

3 Embasamentos: teorização e prática

A partir da necessidade de teorização, procurou-se elaborar um percurso didático onde as análises fossem aprofundadas em seus diversos tipos, aqui denominadas e explicadas:

a) **Análise Estética:** O texto literário é classificado em prosa ou verso. No entanto, não é uma definição tão fácil, pois a escrita de diálogos nas estruturas de peças teatrais é bastante particular, assim como, a abolição dos versos nos poemas concretos, visuais ou na poesia-práxis. A estética está associada ao estudo dos gêneros textuais, que, a partir de Marchuschi, “deve ser visto como uma prática e não como um objeto ou artefato empírico” (MARCHUSCHI, 2008, p. 56). Portanto, analisar um texto esteticamente não se restringe a classificá-lo em prosa ou verso, moderno ou clássico, longo ou curto. Mas, depreende-se dele toda a gama de significação contida em seu significante. Ainda de acordo com Marchuschi, “os gêneros são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia” (2002, p. 56). Os gêneros textuais são formas de ação social, por isso, são elementos textuais altamente maleáveis em suas funções, estruturas, meios ou fins.

b) **Análise Estilística:** compreende toda a complexidade da linguagem poética em relação às figuras de composição textual: de linguagem, de som e de construção morfosintática. Nos textos literários, as figuras de linguagem fazem parte do poder conotativo da linguagem e são necessários maiores empenhos por parte dos analistas, e grande poder de abstração por parte dos leitores em geral. Nos poemas, isto pode significar entender ou não a mensagem do texto. Citaremos adiante alguns textos analisados para melhor elucidação da linguagem literária.

c) **Análise Gramatical:** Se o texto é uma unidade semântica anterior à unidade morfosintática, volta-se à concepção de contexto anterior à de texto: o segundo existe pela existência do primeiro. Aqui, empreende-se mais que um análise gramatical, mas uma interpretação linguística do texto, do seu conteúdo e das suas intenções. Orlandi nos diz que “o trabalho com a linguagem traz a marca do múltiplo e do mutável. Isto se deve à plasticidade inerente à linguagem e ao fato de que ela está presente em todas as formas de ação do homem” (1989, p. 09). A sociolinguística deve ser a marca dos estudos morfosintáticos da Literatura Brasileira Moderna/Contemporânea: isto é melhor compreendido ao analisarmos os poemas da 1ª Geração Modernista e dos poetas marginais e da Poesia-Práxis.

d) **Análise Semântica:** Os significados são aqui trabalhados em sua extensão: a semântica estuda a multiplicidade significativa dos signos e estes, por sua vez, a sua forma. Segundo Ilari & Geraldi, para se analisar semanticamente, é preciso fazer relações recorrentes com a forma, a gramática e a língua, mas é o no contexto que a mensagem se realiza (1990, pp. 41-43). Ainda segundo os autores, “na estrutura semântica de ‘Pedro parou de fumar’, a semântica moderna distingue a informação assertada de que Pedro não fuma hoje e a informação pressuposta de que ele fumava no passado.” (ILARI & GERALDI, 1990, p. 88).

e) **Análise Pragmática:** A pragmática é o ramo dos estudos de interpretação que estuda o contexto linguístico, mesmo os seus aspectos não linguísticos (como o uso de outros signos que não sejam linguísticos) ou extralinguísticos (elementos do contexto externo ao texto, como o autor, por exemplo). Os especialistas falam de microtexto (quando o contexto linguístico é dado por uma palavra imediata dentro do enunciado) e

de macrotexto (o significado do texto não é imediato, uma vez que é dado por um contexto mais afastado). Dá-se o nome de contexto extralinguístico ao conjunto dos interlocutores potenciais, do local, do tipo de registro e do momento em que decorre um ato linguístico. Estas circunstâncias têm impacto sobre o entendimento da situação linguística. A literatura pode extrapolar qualquer tentativa de normatização dessas vias naturais de compreensão textual. O contexto é a construção cognitiva (ou quadro) que o falante faz da situação comunicativa: o falante percebe somente aqueles elementos da realidade circundante que considera relevantes para o desenvolvimento da interação. É o contexto que nos diz se uma frase como “Estou limpo” significa: 1. “Já me lavei” (criança ao sair do banho); 2. “Não usei drogas” (toxicodependente em tratamento), 3. “Não tenho cadastro” (alguém ao ter saldado suas dívidas); 4. “Perdi todo meu dinheiro” (perdedor em uma mesa de jogo); 5. “Sou inocente” (réu diante do julgamento); além de outros diversos sentidos. Para se compreender um texto em sua totalidade comunicativa, é necessário saber informações que fazem parte de sua produção: 1. Em qual momento histórico ele foi produzido; 2. A que situações internas ou externas o texto se refere direta ou indiretamente; 3. Quais elementos textuais, não textuais e extratextuais foram utilizados em sua formação; 4. Que suposições de resposta visavam encontrar os seus produtores.

4 Análises isoladas em exercícios de interpretação de textos poéticos

Ao buscar analisar, compreender e inter-relacionar os textos artísticos, poéticos, literários, nas salas de aula, na escola, na vida, enfim, permitiu-se aqui incluir entre os mesmos poemas clássicos, modernos, letras de música, ditos populares e outros exemplos de textos da cultura popular (ABIB, 2008), pois acreditamos que a arte perpassa o cânone e está intrínseca nos saberes populares de tal forma, que a própria poesia a referenda em seus escritos. Ou seja, na cultura, segundo os estudos de Canclini (2008), é impossível se estabelecer uma fronteira entre o popular e o erudito, entre a cultura urbana e a rural, entre o canônico e o aceito pelas parcelas da população excluídas, como o funk carioca, o repente nordestino ou os sambas (de roda, de veio, de lata, de rua) feitos pelo Brasil a fora. Assim, buscou-se exemplificar os exercícios de interpretação de textos com poemas e letras de música também pelo fácil acesso da população a estes meios (FLORÊNCIO, 2018).

Análise inicial de “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto

O limite entre o texto em sua composição linguística (morfossintática e semântica) e o contexto em sua abrangência extralinguística (semântico-pragmática) foi profundamente abordado em alguns poemas de João Cabral de Melo Neto (Recife, 1920 – Rio de Janeiro, 1999). Para fins de entendimento da visão do autor sobre o contexto, salientamos que o poeta guardava as características de laborar exaustivamente na composição dos seus versos e ser um profundo conhecedor da língua portuguesa, tanto como objeto da cultura popular como das intransigências normativas do idioma. Em “*Tecendo a manhã*”, João Cabral aborda a questão da coletividade na construção de um “objeto” extraordinário:

Tecendo a manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.*

*De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia*

tênue,

se vá tecendo, entre todos os galos.

*E se encorpano em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.
(NETO, J.C.M. *Objetiva*, 2010, p. 12)*

Seria necessária maestria analítica para se compreender *toda a extensão* do que o “Engenheiro da Palavra” quis efetivamente dizer em sua composição léxico-semântica: tanto pode ser a construção poética (onde galos seriam os poetas, “ourives” da língua, segundo Olavo Bilac), como a construção do mundo (onde galos seriam os trabalhadores, os seres humanos), ou ainda o poeta poderia estar abordando a construção de sentido, de textos (onde galos seriam os interlocutores, os falantes). A terceira concepção aqui nos interessa mais e principalmente pela análise do uso dos vocábulos ligados a “tecer”, de *tecido*, tessitura (urdida, trama), *textum*.

O poema inicia formulando interessante paráfrase do dito popular “uma andorinha só não faz verão”, o que já sinaliza para o uso da contextualização. Sem o

texto original, não haveria a compreensão do segundo. Depois, seguem-se vocábulos e expressões que lembram a construção de um texto e a necessidade de um encadeamento próprio ao contexto: tecem, grito, “de um que apanhe esse grito que ele/ e o lance a outro”. Aqui, percebe-se a genialidade do poeta no uso da palavra “ele” (do verbo elar), ao invés do pronome “ele” sem a ação correspondente (verso 3), em uma ação consciente do verso, característica pela qual João Cabral é reconhecido entre os cânones da Literatura Brasileira. O contexto está no grito que é repassado de galo em galo, até que uma grande “teia tênue”, onde cabem todos, seja formada.

Outros poemas do mesmo autor dialogam com essa temática: em “Catar feijão” (1966), o poeta descreve metaforicamente o ato de escrever, numa analogia entre escolher as palavras certas e o ato de catar o feijão que será cozido e servido; em “Rios sem discurso” (1966), a metáfora utilizada aparece entre o texto (*discurso*) e o *rio* (curso).

Procurando (e encontrando) o contexto na poesia de Drummond

Em seu poema “Procura da poesia”, do livro “A rosa do povo” (1945), Carlos Drummond de Andrade inicia uma lista de “mandamentos” de como não se construir um poema com o que muitos entendem como crítica aos que utilizam fatos do cotidiano para fazerem literatura: “Não faças versos sobre acontecimentos (...) Nem me reveles teus sentimentos (...) Não cantes tua cidade (...)”. No entanto, pela vida e obra do poeta mineiro (Itabira, 1903 – Rio de Janeiro, 1986), é possível certificar-se de que ele não foi um poeta-escritor omissos aos acontecimentos sócio-políticos do país. Pelo contrário, sempre questionou tanto os desmandos do poder quanto a capacidade literária de sua própria poesia.

Procura da poesia (A Rosa do Povo, 1945)

*Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a
poesia. (...)
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável
corpo, tão infenso à efusão lírica. (...)
Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a
longa viagem.*

*O que pensas e sentes, isso ainda não é
poesia.
Não cantes tua cidade, deixa-a em paz. (...)
Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças. (...)
Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância. (...)*

Nos versos seguintes, Drummond não parece refestelar-se no fazer poético enquanto alegria imatura da construção perfeita, mas não deixa de se embriagar da alma poética que ronda a sua aura. Por isso, defende a palavra como instrumento primordial para esta imersão poética (até dolorida, mas aparentemente única) a que ele se propõe. Por isso, sugere:

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser
escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de
dicionário.
Convive com teus poemas, antes de
escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma, se te
provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.*

*Não forces o poema a desprender-se do
limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e
concentrada
no espaço.
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Drummond encerra o teor informativo/injuntivo do seu poema com a palavra “chave” e a interrogação da dúvida que ele agora divide com seus colegas. Somos poetas? Drummond dedicou extensa parte de sua composição à dualidade do fazer poético; essa dúvida de ser poesia ou não, ou a própria *procura da poesia*, está presente em quase todos os seus textos, desde a indignação irrequieta de “No meio do caminho”. Porque ficar com a dúvida apenas para si? Fiquemos todos. Alguém trouxe a chave? E encerra o poema de maneira delicada, para estremar sua concepção humana, dura, ainda que lírica: a beleza singular da parte final pode ser a realização pessoal do sentimento universal do fazer poético. Seria a chave?

*Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiam na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.*

5 Contexto e contextualização: breves apontamentos

Como base para iniciar esta discussão descritiva sobre os conceitos do termo "contexto", na comunicação e produção de textos, iniciaremos apresentando alguns clichês utilizados por professores que laboram com a leitura/compreensão de textos em sua diversidade de níveis de ensino e aprendizagem. O contexto é a) o alicerce do texto; b) é a base para se estabelecer um processo de comunicação; c) é o conjunto de elementos que fazem existir a informação. Em nenhuma destas expressões é possível constatar algum equívoco de definição. Metaforicamente, o contexto é o terreno para a construção da tessitura textual seu encadeamento e sua compreensão. No entanto, é preciso identificar o poder epistemológico da palavra a partir da sua formação morfo-histórica.

O termo *contextus* deriva do latim e, assim como *texto*, tem seu significado ampliado no vernáculo original "*textum*", que significa *tessitura* (ou *tessitura?*), *entrelaçamento* e, conseqüentemente, *texto* e/ou *tecido*. Esta aparentemente simples reflexão etimológica traz complicações quando analisamos o texto como tecido formador de significados e surge um campo léxico comum de diferente campo semântico: o vernáculo *linha* enquanto *fio* na composição do tecido, da renda, da fazenda e a *linha* no sentido do elemento formador do texto, que se enreda na construção de sentidos.

Do latim, *contextus* singulariza o conjunto de condicionantes para a realização de uma compreensão. Segundo o seu significado dicionário, o contexto é o ambiente físico ou situacional (conjunto de circunstâncias) a partir do qual se considera um fato. Em seu website, Houaiss (2014) apresenta a seguinte definição de contexto: "relação de dependência entre as situações que estão ligadas a um fato ou circunstância; (...) O que compõe o texto na sua totalidade; a reunião dos elementos do texto que estão relacionados com uma palavra ou frase e contribuem para a modificação ou esclarecimento de seus significados." Por extensão, o vernáculo aborda o "encadeamento do que compõe o discurso" e admite a palavra "âmbito" como o sinônimo mais apropriado para contexto.

Podemos ratificar duas informações pertinentes a partir destas definições: a primeira, segundo Geraldi e Ilari (1990, 64-66), é de que não existem sinônimos perfeitos e "*âmbito*", por exemplo, poderá não dar conta de todos os significados possibilitados por "*contexto*"; a segunda, assegurada pelo próprio Houaiss (2006), é que

a ordenação sequencial extralinguística é o que determina as circunstâncias de utilização da língua durante um ato comunicativo. É assertivo, pois, dizer que "contexto" é uma palavra única, insubstituível em toda a sua extensão significativa e em sua complexa rede léxico-semântica.

Nas atividades de interpretação de textos, tornou-se consenso defender que não se analisa um texto sem a devida atenção ao contexto. E, este pode aparecer de diversas formas nas imagens que estabelecem as compreensões de texto, a intertextualidade e as análises isoladas apresentadas anteriormente (estética, estilística, gramatical, semântica e pragmática, entre outras possíveis).

O Contexto nada mais é do que a situação histórico-social de um texto, envolvendo não somente as instituições humanas, como também outros textos que sejam produzidos em volta e com ele se relacionem. A interpretação de um texto deve, de imediato, saber que há um autor, um sujeito com determinada identidade social e histórica e, a partir disto, situar o discurso como compartilhando desta identidade. Salientando que o texto só receberá esta nomenclatura (texto) se o receptor da mensagem conseguir decifrá-la (FLORENCIO, 2014; FLORÊNCIO; ABIB, 2019).

E bem provável é, que dessa forma tão interdisciplinar, torna-se impossível dedicar-se à compreensão total ou parcial de um texto sem a verificação do seu autor, sua época, suas intenções, seus estilos, suas palavras, etc. mas, ainda assim, podem surgir inúmeras dúvidas.

Dificuldades de contextualização ocorrem quando: 1) relação de causalidade entre características de um texto e a sociedade não é entre dois elementos distintos $A \rightarrow B$, um causa e outro consequência, mas é dialética, ou seja, a continência de um pelo outro é uma relação contraditória; 2) pelo mesmo raciocínio, os discursos (esfera da superestrutura) não sofrem apenas os determinantes econômicos (esfera da infraestrutura), mas também culturais, sexuais, etários etc.; e 3) pelo não-imediatismo da passagem da análise semiológica para a interpretação semântica, ou seja: não basta demarcar e classificar as palavras para imediatamente interpretar seus significados, é preciso considerar variáveis presentes no contexto (FLORENCIO, 2018, p. 08).

A relação entre um texto e a situação em que ele ocorre - que buscamos conceituar como contexto - são elementos intrínsecos à produção/compreensão dos elementos constitutivos da comunicação: e o uso deste recurso, seja linguístico, visual, olfativo, misto, enfim, é o que lhe garante a comunicação entre os seres. Ao propor o estudo do "contexto de uso", Halliday (1989) incorporando à análise elementos do

ambiente textual (linguístico e extralinguístico), redimensiona o termo "contexto situacional", que, doravante o elemento cultural intrínseco à humanidade, pode-se depreender também o contexto cultural como extensão dessa significação. Para Halliday (1989, in: COSTA, 2001), "o sucesso na comunicação pode ser explicado pela previsão inconsciente, ou seja, quase nunca é surpresa o que queremos dizer em determinadas situações". As situações criam os textos e esta previsibilidade das ocorrências textuais é fomentadora do contexto de uso.

O tipo de descrição ou interpretação do contexto de uso que vem a ser mais adequado para o linguista é o que caracteriza os termos usados numa interação. Portanto, à concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação. "Para ilustrar essa afirmação, tem-se recorrido com frequência à metáfora do iceberg: todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente" (KOCH, 1997, p. 24). Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair sentido, é necessário recorrer a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais. "Uma vez construído um -- e não o -- sentido, adequado ao contexto, às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação, ao tipo de atividade em curso, a manifestação verbal será considerada coerente pelos interactantes" (KOCH, 1997, p. 25).

Para concluir, salientamos que as análises das obras literárias aqui empreendidas não têm como objetivo situá-las em seus contextos de criação e intenção, mas associando-as à temática, buscamos também esclarecer que os textos literários podem (e devem) não respeitar as regras contextuais e negligenciar a teoria da previsibilidade tão óbvia no binômio produção-compreensão textual. Na perspectiva de Coseriu (2006), a questão do contexto da obra literária é mais complexa, por qualquer ângulo que o analisemos: o momento histórico da produção, as representações do autor ou do leitor. Ao comparar o autor do texto informativo com o autor do texto literário, Coseriu adverte que "(...) o sujeito da obra literária é sempre um sujeito universal: é o Autor, com maiúsculas, e não um determinado indivíduo" (2006, p. 57). Sobre a situação do "sujeito universal" da obra literária é eterna, ou pelo menos atemporal. A obra artístico-literária guarda o componente assituacional do contexto, seu compromisso não é com a Histórica nem mesmo com a tradição linguística do idioma ou outra qualquer conotação de responsabilidade cultural que a restrinja: o compromisso da arte é com a sua estética

(COSERIU, 2006). Assim, desrespeitando a progressão textual e se arriscando em uma imprevisibilidade interpretativa, foram produzidas as grandes obras das artes e da literatura, assegurando assim uma nova contextualização, inclusive plástica e estética, o contexto literário.

Para se compreender um texto em sua totalidade comunicativa e informativa, é necessário saber informações que fazem parte de sua produção: 1. Em qual momento histórico ele foi produzido; 2. A que situações internas ou externas o texto se refere direta ou indiretamente; 3. Quais elementos textuais, não textuais e extratextuais foram utilizados em sua formação; 4. Que suposições de resposta visavam encontrar os seus produtores. A compreensão a tudo isso chamamos contexto e, na maioria das vezes, sinônimo de "contexto histórico" ou, mais recentemente, contexto "sociocultural". Falar sobre o sentido de um enunciado, fora das circunstâncias possíveis de suas ocorrências, ou seja, fora do contexto e da situação, equivale a abandonar o terreno da experiência e da comprovação, para construir uma hipótese carente de demonstração. Analisar esse tipo de comprovação é o papel principal dos estudos pragmáticos dentro da linguística.

Em Armengaud (2006), a pragmática é apresentada, segundo Francis Jacques, como uma disciplina que considera a linguagem um fenômeno discursivo, comunicativo e social, partindo de uma abordagem semântica e sintática. A autora classifica os contextos em circunstancial, situacional, interacional e pressuposicional.

A pragmática é o ramo dos estudos de interpretação que estuda o contexto linguístico, mesmo os seus aspectos não linguísticos (como o uso de outros signos que não sejam linguísticos) ou extralinguísticos (elementos do contexto externo ao texto, como o autor, por exemplo). Os especialistas falam de microtexto (quando o contexto linguístico é dado por uma palavra imediata dentro do enunciado) e de macrotexto (o significado do texto não é imediato, uma vez que é dado por um contexto mais afastado). Dá-se o nome de contexto extralinguístico ao conjunto dos interlocutores potenciais, do local, do tipo de registro e do momento em que decorre um ato linguístico. Estas circunstâncias têm impacto sobre o entendimento da situação linguística. A literatura pode extrapolar tentativas de normatização dessas vias naturais de compreensão textual.

Considerações finais

A literatura, enquanto a arte da palavra, acompanha o homem tanto nas suas mais importantes e fantásticas criações como na banalidade do seu dia a dia, recheado de repetições e tédios, como em “Eta vida besta, meu Deus”, de “cidadezinha qualquer”, da obra *Alguma Poesia* (Drummond, 1930). E, destes cenários tão contrários, complexos ou simples, retira matéria prima para sua mimese. Exemplos disso são os próprios poemas produzidos nas vanguardas citadas. A maioria dos temas destaca uma mudança, ou pelo menos uma tentativa, de mudar os conceitos da arte literária. Isto também seria uma epifania, a corporização daquilo que se quer dizer, em uma situação metalinguística. Observando a II Guerra como marco na história da humanidade, é impossível não lembrar do poema “A Rosa de Hiroshima”, de Vinícius de Moraes, que, com toda sua subjetividade, “desenhou” poeticamente a “rosa radioativa, estúpida e inválida”.

Mas, a arte tem seus melindres e mistérios. Muitas vezes, não expõe sua ideia central à primeira leitura. “Quadrilha”, de Drummond, aponta-nos um bom exemplo de como “esconder” a ideia central de uma obra de arte, como Lili, a personagem “diferente” dos demais participantes de “Quadrilha” (João, Tereza, Joaquim, Maria e Raimundo), que aparece como elemento problematizador da teia narrativa, em que o tema, mesmo parecendo ser sobre as desilusões do amor, aborda os interesses econômicos que a personagem tem ao casar (sem amar ninguém) com J. Pinto Fernandes, que era de outro nível, pois não havia entrado na história (PLATÃO; FIORIN, 2001, p. 342). Até mesmo a palavra *história*, aqui, adquire um novo significado na quadrilha, a típica dança popular, da qual os ricos não participam, por isso, J. Pinto Fernandes não tinha entrado na história, na dança.

Mesmo quando se volta para si mesma, a literatura consegue trazer excelentes reflexões para o pensamento humano. Em “Traduzir-se”, Ferreira Gullar expõe sua preocupação com a criação poética ao tempo em que tenta se autoconhecer, como poeta e cidadão. Mas, poucos fizeram um trabalho de análise pessoal tão filosófico, e ao mesmo tempo, psicológico, quanto Machado e Lispector, nos séculos XIX e XX, respectivamente.

Enfim, a relação entre homem/sociedade e a arte/literatura é de tal importância para o desenvolvimento da humanidade que não se percebe o homem no contexto histórico sem a sua literatura. Massaud Moisés (1988) diz que a desvinculação um do

outro (homem x literatura) torna a compreensão de um dos dois incompleta e, por vezes, equivocada. Situar a literatura em um determinado contexto é conhecer o homem naquele período histórico e vice-versa.

Referências

- ANDRADE, C. D. *Antologia poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1963.
- ARMENGAUD, F. *A pragmática*. Trad. Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2006.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, R. *Literatura Comentada: Drummond*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- COSERIU, E. *Linguística del texto: Introducción a la hermenêutica del sentido*. Edición de Óscar Loureda Lamas. Madri: Arco Libros, 2006.
- COSTA, I. B. *Forma e contexto na linguística do texto de Eugenio Coseriu*. Trabalho apresentado no simpósio *Coseriu: memória e atualidade*. XV Congresso Internacional de La ALFAL: Universidad de la República (Montevideo, Uruguay), 18-21 de agosto de 2008.
- COSTA VAL, M da G. *Redação e Textualidade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COUTINHO, A. *As formas da literatura brasileira - ensaio* (1984).
- FLORÊNCIO, R. R. (2018). *Etnolinguagens*. Disponível em www.etnolinguagens.webnode.com, Acesso: 07/05/2019.
- FLORÊNCIO, R. R. *Os Textos Literários e a Perspectiva de Contextualização*. Revista CONTEXTO, vol. 5. Petrolina: 2014.
- FLORÊNCIO, R. R.; ABIB, P. R. J. *Análise do Discurso a partir da Interpretação Contextualizada de poesias de João Cabral de Melo Neto*. Revista CESUMAR Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ISSN 2176-9176, vol.24, nº 2, dez, 2019.
- GERALDI, J. W.; ILARI, R. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1990.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in*

a social-semiotic perspective. New York: Oxford Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

ILARI, R. & GERALDI, J.W. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1990.

KLEIMAN, A. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH, I. V. *O texto e a construção do sentido*. São Paulo: Contexto, 1997.

MACHADO, R. F. *Sentido, estrutura e contexto situacional*. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Caxias do Sul: UFCS, 2009.

MARCHUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* Parábola. São Paulo, 2012.

MARCHUSCHI, L. A. *Gêneros textuais*. São Paulo: Parábola, 2002.

MARCHUSCHI, L. A. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO NETO, J. C. *Poemas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MOISÉS, M. *Literatura: Mundo e forma*. (1982). São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

ORLANDI, E., GUIMARÃES, E., TARALLO, F. *Vozes e contrastes*. São Paulo: Cortez, 1989.

PLATÃO, F. S.; FIORIN, J. L. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português*. Campinas: UNICAMP, 1991.